



A escadaria Maria Ortiz é um dos pontos históricos do Centro de Vitória que sofrem com as más condições de conservação: partes da estrutura e dos degraus estão quebradas

HISTÓRIA AMEAÇADA POR VANDALISMO E ABANDONO

Monumentos sofrem com pichações, rachaduras e falta de cuidado

MAÍRA MENDONÇA
mmendonca@redgazeta.com.br

No sobe e desce de quem passa pelo Centro de Vitória, algumas escadarias não só consistem em pontos de acesso à Cidade Alta, como guardam consigo recortes da história do primeiro perímetro urbano ocupado na Capital. Uma memória, que embora registrada por séculos em cada traço arquitetônico, corre o risco de ser diluída aos poucos tanto pela ação do tempo, quanto pela falta de cuidados.

Fundada sobre a antiga Ladeira do Pelourinho - marco da resistência dos capixabas diante da tentativa de invasão de piratas holandeses no século XVII -

a conhecida escadaria Maria Ortiz hoje possui partes da estrutura e dos degraus quebrados. Em certos pontos, a pintura amarela e branca, já bastante gasta e encardida, dá lugar às pichações.

A situação é bem próxima a que se observa na escadaria São Diogo, na Praça Costa Pereira, cuja aparência dá a entender que há tempos o não passa por manutenções. Da mesma forma, problemas como falta de pintura, grandes rachaduras e grades enferrujadas podem ser vistos por quem passa em frente à escadaria da Igreja do Carmo, localizada nas ruas Coronel Monjardim e Coutinho Mascarenhas.

“A cidade perde parte da beleza. Com mais reformas, como as da Catedral (Metropolitana), as pessoas teriam mais vontade de morar e de visitar aqui”, acredita Sônia Marta Cândido, 59, moradora do Centro.

Para a universitária Emília Menezes, 44, outra moradora da região, não só as escadas, como outros monumentos precisam de mais cuidados, que incluem ainda investimentos em iluminação e limpeza. Por outro lado, ela lembra que certas pessoas também contribuem para a deterioração das construções. “Alguns tiram até as letras das estátuas. É um absurdo”.

VIADUTO

Roberto Alves Teixeira, 58, trabalha em sua loja de frente para o Viaduto Caramuru, construído em 1925 na Rua Caramuru - ladeira que no século XVII levava até o Cais São Francisco. A obra também necessita de reparos, conforme observa o comerciante. Além das pichações, partes da pintura e do reboco estão se soltando, assim como alguns detalhes, que foram quebrados.

“Faz anos que ele está dessa forma. A gente é rico em estrutura, mas não cuida bem. A cidade cresceu, a atenção se voltou para outros setores e o Centro ficou esquecido”, lamenta ele.

OUTRO LADO

Sem previsão para as obras

O projeto de revitalização das escadarias do Centro está sendo elaborado na área de orçamentos da Prefeitura de Vitória. A administração informou que depois o plano seguirá para a captação de recursos e que não há previsão para início das obras. A prefeitura acrescenta que já foi concluída a reforma da escadaria Ambrósio Rocha e atualmente a de São Lucas passa

pelo processo. Depois, será a vez da escadaria 25 de Abril. Em relação ao Viaduto Caramuru, a administração diz que identificou o problema e elabora ações.

Já a Arquidiocese de Vitória informou que existe um projeto de reforma apenas para a igreja e o Colégio do Carmo, não para a escadaria. Devido à crise econômica, tais projetos só serão avaliados no ano que vem.

VITOR JUBINI



Falta de manutenção

Partes da arquitetura do viaduto Caramuru, no Centro, já foram comprometidas pela falta de manutenção do monumento, construído em 1925. Além das pichações, a pintura e o reboco do viaduto estão se soltando, deixando partes da ferragem expostas em alguns pontos.

VITOR JUBINI



À espera de melhorias

É difícil passar pela escadaria São Diogo, na Praça Costa Pereira, sem notar os sinais de que ela precisa passar por reparos. Assim como a escadaria Maria Ortiz, o monumento possui partes da estrutura quebradas, pintura deteriorada e pichações em diferentes pontos.

FALA, MORADOR!



“Não diria que os monumentos estão abandonados, e sim malcuidados. Muitos turistas vêm visitar o Centro, e a aparência deles poderia estar um pouco melhor”

NILTON ALBUQUERQUE
59 ANOS, APOSENTADO



“Faltam iluminação e mais limpeza nos monumentos. Também poderia haver mais vigilância para evitar a ação dos vândalos. Tem como melhorar, basta querer fazer”

EMÍLIA MENEZES
44 ANOS, UNIVERSITÁRIA



“Alguns monumentos que recontam a história estão um pouco maltratados, e isso prejudica o turismo. Aqui a gente é rico em estrutura, mas não cuida muito bem”

ROBERTO ALVES
58 ANOS, COMERCIANTE

Cabos de aço sustentam ruínas

Área do sítio histórico de Queimado, na Serra, precisa de restauros urgentes

▄ Palco da Insurreição de Queimado - maior revolta de escravos em busca de liberdade já registrada no Estado - as ruínas que ainda resistem no sítio histórico de Queimado, na Serra, precisam passar por restauros para continuar de pé.

O sítio localizado no antigo distrito de São José do Queimado foi tombado como patrimônio histórico em 1993, mas até hoje carece de cuidados. Da igreja, construída de 1845 à 1849 por cerca de 300 negros, restam agora algumas pa-

redes, entre as quais o mato cresceu e tomou conta do espaço ao longo do tempo.

O jornalista Aurélio Carlos Moura, que há anos se dedica à preservação do patrimônio, mostra que as paredes estão inclinadas e só não caíram, pois estão sustentadas por cabos de aço.

Segundo ele, a falta de fiscalização no local também leva à sua destruição. O cemitério de Queimado já não possui mais lápides e muitas das partes que ainda restam de seus muros foram riscadas.

“A questão fundamental é preservar o que ainda existe. Além da igreja e do cemitério, existem as fun-

dações das antigas casas da vila. É uma história que faz parte do ser da Serra, do ser do Estado”, ressalta Aurélio.

Este ano, a área do sítio histórico, que antes era particular, foi doada para a Prefeitura da Serra. Caso as obras não sejam feitas em cinco anos, o terreno volta para o antigo dono. “A administração vai fazer a restauração da igreja, do cemitério, iluminar a região e fazer o acesso. O projeto está sob análise e planejamento do Conselho de Cultura Estadual e, após aprovação, o município vai buscar parcerias para viabilizá-lo”, informou a prefeitura por nota.

MARCELO PREST



Mato tomou conta do sítio histórico de Queimado, que agora só tem algumas paredes

Igreja dos Reis Magos: falta pintura, e torre está interditada

MARCELO PREST

▄ Na Igreja dos Reis Magos, tombada em 1943 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), o último restauro foi concluído em 2009. Desde então, o Iphan mantém um acordo de cooperação técnica com a Prefeitura da Serra, que tem feito reparos na construção. O último deles foi a pintura da fachada, ocorrida no final de 2014.

No entanto, a superintendente do Iphan no Estado, Diva Figueiredo, afirma que os acertos não contemplam todas as necessidades do monumento. Prova disso é que, apesar da boa estrutura de modo geral, a pintura interna do local precisa de



A torre do sino tem problemas de conservação

reparos devido à sujeira e ao mofo. Já a torre do sino está interditada desde 2013 por problemas de conservação da madeira que a sustenta.

O Iphan tentou licitar

uma obra em 2014, mas nenhuma empresa se interessou pelo projeto de R\$ 183 mil. O instituto está refazendo o orçamento, mas não há previsão de obras este ano.